EDUCAÇÃO
**V.13 • N.2 • 2026 • Publicação Contínua**

ISSN Digital: 2316-3828
ISSN Impresso: 2316-333X
DOI: 10.17564/2316-3828.2026v13n2p289-305

INTERFACES CIENTÍFICAS

# VERBO-VISUALIDADE E CAPACITISMO NO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DO DISCURSO

VERBO-VISUALITY AND ABLEISM ON INSTAGRAM: A DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS

VERBO-VISUALIDAD Y CAPACITISMO EN INSTAGRAM: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DIALÓGICA DEL DISCURSO

**Paulo Everton Fernandes da Silva**[1]
**José Anchieta de Oliveira Bentes**[2]

## RESUMO

Este artigo investiga a verbo-visualidade de postagens no Instagram com o objetivo de analisar como a interação entre elementos verbais e visuais contribui para a construção, reprodução e/ou problematização de discursos capacitistas. Com base na Análise Dialógica do Discurso (ADD), o estudo busca compreender de que maneira a verbo-visualidade mobiliza discursos que (re)produzem ou tensionam o capacitismo, considerando as relações dialógicas que atravessam os enunciados. O referencial teórico discute a verbo-visualidade a partir das contribuições de Volóchinov (2018), Souza-Bentes (2017) e Brait (2013), enquanto o capacitismo é abordado com base em Amaral (1998), Mello (2016), Campbell (2001 *apud* Dias, 2013) e Andrade-Silva e Bentes (2021). A metodologia emprega a ADD para analisar duas postagens publicadas no Instagram, compostas por charges e legendas que tematizam o capacitismo. A análise considera categorias como autoria, espaço-tempo, cores, expressões gesto-faciais e enunciados. Os resultados demonstram que as materialidades analisadas tanto denunciam práticas de invisibilização, silenciamento e estigmatização das pessoas com deficiência quanto tensionam discursos capacitistas historicamente cristalizados, evidenciando a complexidade das disputas de sentido presentes nas interações digitais. Conclui-se que a verbo-visualidade no Instagram constitui um importante espaço de circulação, confronto e ressignificação de discursos sobre deficiência, inclusão e diferença.

## PALAVRAS-CHAVE

Verbo-visualidade; capacitismo; Instagram.

## ABSTRACT

This article examines the verbo-visuality of Instagram posts to analyze how the interaction between verbal and visual elements contributes to the construction, reproduction, and/or problematization of ableist discourses. Grounded in Dialogical Discourse Analysis (DDA), the study investigates how verbo-visuality mobilizes discourses that (re)produce or challenge ableism, considering the dialogical relations that permeate utterances. The theoretical framework discusses verbo-visuality based on Volóchinov (2018), Souza-Bentes (2017), and Brait (2013), while ableism is examined based on Amaral (1998), Mello (2016), Campbell (2001 *apud* Dias, 2013), and Andrade-Silva and Bentes (2021). DDA is used to analyze two Instagram posts consisting of cartoons and captions about ableism. The analysis considers authorship, space-time, colors, facial and gestural expressions, and utterances. The results show that the materials both denounce practices that render people with disabilities invisible, silence them, and stigmatize them, and challenge historically entrenched ableist discourses, highlighting the complexity of disputes over meaning in digital interactions. The study concludes that verbo-visuality on Instagram constitutes an important space for circulating, confronting, and reframing discourses on disability, inclusion, and difference.



## KEYWORDS

Verbo-visuality; ableism; Instagram.



## RESUMEN

Este artículo investiga la verbo-visualidad de publicaciones en Instagram con el objetivo de analizar cómo la interacción entre elementos verbales y visuales contribuye a la construcción, reproducción y/o problematización de discursos capacitistas. Con base en el Análisis Dialógico del Discurso (ADD), el estudio busca comprender de qué manera la verbo-visualidad moviliza discursos que (re)producen o tensionan el capacitismo, considerando las relaciones dialógicas que atraviesan los enunciados. El marco teórico discute la verbo-visualidad a partir de las contribuciones de Volóchinov (2018), Souza-Bentes (2017) y Brait (2013), mientras que el capacitismo se aborda desde las perspectivas de Amaral (1998), Mello (2016), Campbell (2001 apud Dias, 2013) y Andrade-Silva y Bentes (2021). La metodología emplea el ADD para analizar dos publicaciones de Instagram compuestas por viñetas y leyendas que tematizan el capacitismo. El análisis considera categorías como autoría, espacio-tiempo, colores, expresiones gesto-faciales y enunciados. Los resultados demuestran que las materialidades analizadas tanto denuncian prácticas de invisibilización, silenciamiento y estigmatización de las personas con discapacidad como tensionan discursos capacitistas históricamente cristalizados,

evidenciando la complejidad de las disputas de sentido presentes en las interacciones digitales. Se concluye que la verbo-visualidad en Instagram constituye un importante espacio de circulación, confrontación y resignificación de discursos sobre discapacidad, inclusión y diferencia.

## PALABRAS CLAVE

Verbo-visualidad; Capacitismo; Instagram

## 1 INTRODUÇÃO

As plataformas digitais constituem espaços de comunicação cada vez mais complexos, nos quais a produção e circulação de sentidos ocorrem em uma velocidade e escala sem precedentes. O *Instagram*, em particular, emerge como um espaço privilegiado para essa dinâmica social, caracterizado pela articulação entre elementos verbais e visuais na construção e reconstrução de sentidos. Mais do que canais de interação, as redes sociais são arenas discursivas onde ideologias são formuladas, naturalizadas e, por vezes, tensionadas. Nesse contexto, a verbo-visualidade configura-se como um terreno fértil para a investigação de como determinadas avaliações sociais são veiculadas e/ou percebidas.

Este artigo se dedica à análise de um fenômeno específico: o capacitismo. Enquanto forma de discriminação contra pessoas com deficiência, o capacitismo se manifesta de maneira sutil e profundamente cristalizado nos discursos e práticas sociais. Postagens no *Instagram*, enquanto enunciados verbo-visuais, podem servir tanto à reprodução quanto ao questionamento dessas concepções capacitistas. À luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que compreende a linguagem como um ato socialmente situado e dialógico, propomos investigar de que maneira a verbo-visualidade presente em postagens sobre capacitismo no *Instagram* mobiliza discursos que reafirmam ou tensionam essa lógica, considerando sua inserção em contextos de circulação e recepção específicos.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído por duas postagens publicadas no *Instagram* que tematizam explicitamente o capacitismo. A seleção ocorreu por amostragem intencional, considerando três critérios principais: a) tematização direta do capacitismo; b) articulação entre elementos verbais e visuais; e c) autoria ou compartilhamento realizado por pessoas com deficiência. Após a constituição do corpus, procedeu-se à leitura exaustiva das materialidades discursivas, considerando as charges, as legendas e o contexto de circulação dos enunciados na plataforma digital.

A análise foi orientada pelos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), tomando o enunciado verbo-visual como unidade de análise. A partir da observação recorrente dos dados, foram construídas categorias analíticas derivadas da própria materialidade discursiva, a saber: autoria, espaço-tempo, cor, situação emulada, expressões gesto-faciais e enunciados.

O artigo organiza-se em três seções de desenvolvimento, além da introdução e das considerações finais. A primeira delas, *A verbo-visualidade nos estudos bakhtinianos*, discute os fundamentos te-

óricos desse conceito a partir das contribuições de Volóchinov (2018), Souza-Bentes (2017) e Brait (2013). Em seguida, *O capacitismo e a diferença significativa* aprofunda o debate sobre a construção social da diferença e do capacitismo, mobilizando as contribuições de Amaral (1998), Mello (2016), Campbell (2001 *apud* Dias, 2013) e Andrade-Silva e Bentes (2021).

Na seção *Análise Dialógica do Discurso*, apresentamos e analisamos um conjunto de materialidades verbo-visuais publicadas no *Instagram*, constituídas por charges e legendas que tematizam o capacitismo, à luz da ADD. Por fim, nas *Considerações finais*, retomamos os principais achados da pesquisa e suas implicações para os estudos da linguagem, da verbo-visualidade e da deficiência.

## 2 A VERBO-VISUALIDADE NOS ESTUDOS BAKHTINIANOS

A fim de entendermos a verbo-visualidade nos estudos bakhtinianos, evocamos as palavras de Valentin Volóchinov, que afirma que "todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem completamente separados dele" (Volóchinov, 2018, p. 100-101). Em primeiro lugar, temos o fato de que as produções de enunciados são de ordem ideológica, o que significa que nenhum enunciado está isento de um ponto de vista marcado por uma valoração social.

É nesse sentido que o autor chama atenção para o enunciado verbo-visual, isto é, a relação de unidade que existe entre os enunciados de ordem não verbal e os de ordem verbal. Segundo Volóchinov (2018), os enunciados não verbais estão intimamente relacionados aos verbais, a ponto de sua separação ser impossível. É aqui que encontramos o conceito de verbo-visualidade: um enunciado que se apresenta como unidade e não em sua fragmentação, ou seja, imagem e texto constituem uma unidade indissociável na produção de sentidos nesse tipo de enunciado.

A tentativa de fragmentação desse enunciado incorreria em um grave erro, segundo a perspectiva bakhtiniana[3], pois o sentido estaria comprometido caso não se levasse em consideração a unidade e o todo enunciativo. Na verdade, a teoria bakhtiniana se posiciona frontalmente contra qualquer tipo de fragmentação, seja de ordem teórica ou da realidade concreta nas relações entre sujeitos (Bakhtin, 2020), uma vez que esse movimento seria equivalente à fragmentação do próprio ser, tornando-o coisa, e não um ser concreto e real. Com isso, os enunciados devem ser tomados como totalidade, abrangendo o máximo de relações dialógicas possíveis, pois o sentido depende necessariamente da relação entre essas modalidades de signos. É nessa esteira que Souza-Bentes afirma que a verbo-visualidade trata-se da,

> [...] possibilidade de interseção de criação ideológica das duas modalidades de signos o verbal e o não verbal. A expressão "verbo-visualidade" pode abranger quadros, desenhos, esculturas, gestos, pinturas, fotografia, cinema, programas televisivos que combinem duas materialidades semióticas uma verbal e outra não verbal. (Souza-Bentes, 2017, p. 268).

**3 Estamos utilizando o termo "bakhtiniana" para indicar as obras e contribuições do Círculo de Bakhtin e não somente os escritos exclusivamente de autoria de Bakhtin.**

Uma outra contribuição importante para os estudos bakhtinianos em relação a compreensão da verbo-visualidade vem de Brait (2013) em *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*, um texto de interpreta a noção da "dimensão verbo-visual", no qual a autora afirma que se trata da

> [...] dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, consequentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado. (Brait, 2013, p. 44)

A principal contribuição de Brait (2013) é a proposta de uma leitura e análise da verbo-visualidade sob uma perspectiva dialógica inspirada nas ideias de Bakhtin. A autora ressalta que a articulação entre as dimensões verbal e visual constitui um projeto de construção de sentidos que envolve reconhecimentos de identidades, alteridades e memórias, promovendo uma compreensão mais ampla e complexa das formas de produção de sentido em diferentes gêneros e esferas discursivas. Além disso, Brait (2013) destaca que a análise dialógica permite compreender autoria, interlocução e efeitos de sentido desses enunciados, levando em conta as particularidades de cada contexto de circulação, produção e recepção. Assim, sua contribuição está em ampliar os estudos sobre verbo-visualidade por meio de uma abordagem que valoriza o diálogo, a alteridade e a construção coletiva de sentidos.

É a partir dessas contribuições que pretendemos olhar para as postagens do *Instagram* como enunciados verbo-visuais, uma vez que se constituem enquanto gênero discursivo que cristaliza avaliações sociais e ideologias marcadas.

## 3 O CAPACITISMO E A DIFERENÇA SIGNIFICATIVA

Em *Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação*, Amaral (1998) instaura uma discussão sobre as diferenças enquanto marca de distinção entre pessoas "normais" e pessoas "anormais". A pesquisadora deixa claro que fundamenta sua proposta de reflexão a partir de um lugar duplo: a) como pesquisadora experiente nos estudos críticos da deficiência e b) como pessoa com deficiência, pois, ainda criança, contraiu poliomielite, o que lhe deixou algumas sequelas. Assim, Amaral (1998) parte desse duplo lugar de fala, tornando-se uma referência essencial para reflexões que envolvem a questão da deficiência e os estudos que a abordam enquanto diferença. É a partir de suas contribuições que buscamos, neste artigo, adentrar com mais propriedade no campo dos estudos críticos da deficiência.

É a partir dessas indagações que Amaral inicia suas reflexões: "Quais conceitos utilizamos para 'decretar' que um objeto, um fenômeno, alguém ou algum grupo é diferente? E quando consideramos 'significativamente diferente'? Quais os parâmetros?" (Amaral, 1998, p. 12). Aqui, nota-se a inquietação da pesquisadora em identificar os conceitos e parâmetros que fundamentam a demarcação ou rotulação da diferença. Amaral (1998) busca compreender as bases que sustentam a concepção de diferença,

pois, dependendo dos parâmetros adotados, pode-se reconhecer se a matriz conceitual que estrutura essa diferenciação é de ordem preconceituosa, capacitista ou não. Daí decorre a importância de se investigar, ou ao menos refletir, sobre essas delimitações. Ademais, Amaral (1998) deixa clara sua tese:

> Tenho defendido a ideia de que são três os grandes parâmetros utilizados para definir a diferença significativa, ou o desvio, ou a anormalidade. E é sobre eles que agora me debruço. Ou seja, penso que a diferença significativa, o desvio, a anomalia, a anormalidade, e, em consequência, o ser/estar diferente ou desviante, ou anômalo, ou anormal, pressupõem a eleição de critérios, sejam eles estatísticos (moda e média), de caráter estrutural/ funcional (integridade de forma/ funcionamento), ou de cunho psicossocial, como o do "tipo ideal". (Amaral, 1998, p. 13).

Segundo a pesquisadora, a definição e/ou concepção de diferença significativa, especialmente no contexto da deficiência, fundamenta-se em critérios bem estabelecidos. Vejamos cada um deles a seguir:

Critério estatístico – para Amaral (1998), esse critério possui uma lógica matemática, uma vez que recorre a conceitos como "média" e "moda" para justificar seu funcionamento. A média estabelece um padrão numérico que indica onde um indivíduo ou objeto deve se encaixar, qualquer variação que se afaste desse padrão pode ser considerada um desvio ou uma anomalia. Já a moda identifica o valor que mais se repete em um conjunto de dados, reforçando a ideia de que aquilo que se distancia do valor predominante tende a ser classificado como diferente ou desviante.

Critério estrutural/funcional – aqui, Amaral (1998) argumenta que tanto a forma quanto a função são parâmetros determinantes para a demarcação da diferença significativa. A autora utiliza a terminologia "vocação" (1998, p. 13) para se referir à finalidade inerente dos componentes da natureza e dos objetos construídos. Em relação aos seres humanos, essa "vocação" biológica e funcional se relaciona a certas características estruturais e funcionais esperadas. Quando há uma alteração significativa nessa vocação, como um membro do corpo que não desempenha sua função usual, essa condição tende a ser interpretada como desvio, anomalia ou diferença. Além disso, Amaral (1998) enfatiza que esses desvios funcionais e estruturais não estão dissociados de matrizes sociais e culturais, mesmo quando possuem uma base biológica.

Critério do "tipo ideal" – aqui, a pesquisadora denuncia a construção de um "tipo ideal" fabricado pela elite e utilizado como parâmetro normativo. Amaral sintetiza essa figura em um modelo específico: "jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo" (1998, p. 14). A autora chama atenção para o fato de que muitos indivíduos, consciente ou inconscientemente, buscam se encaixar nesse padrão. Assim, qualquer afastamento desse "tipo ideal" tende a ser rotulado como desviante ou diferente.

As reflexões de Amaral (1998) permitem compreender que a classificação de determinados corpos como desviantes, anormais ou significativamente diferentes não decorre de uma condição natural, mas de critérios histórica e socialmente construídos. É justamente nesse contexto que emerge o conceito de capacitismo, entendido como uma forma específica de discriminação direcionada às pessoas com deficiência.

Para Mello (2016), o capacitismo é:

> [...] uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. (Mello, 2016, p. 3268).

A definição proposta por Mello desloca a compreensão da deficiência do campo exclusivamente biológico para o campo das relações sociais, evidenciando que a deficiência não produz, por si só, a exclusão. O que produz a exclusão é um conjunto de discursos e práticas que atribuem às pessoas com deficiência uma condição permanente de incapacidade.

Em diálogo com essa perspectiva, Dias (2013), a partir das formulações de Fiona Kumari Campbell, argumenta que o capacitismo opera como uma estrutura social mais ampla, responsável pela produção de determinados padrões de humanidade. Segundo Campbell, "uma rede de crenças, processos e práticas que produz um tipo particular de si e de corpo (o padrão corporal), que se projeta tipicamente, portanto, essencial e totalmente humano. Deficiência em seguida, é lançado como um estado diminuído do ser humano" (Campbell, 2001, p. 44 *apud* Dias, 2013, p. 10).

Nessa perspectiva, o capacitismo não se restringe a atitudes preconceituosas individuais, mas constitui um sistema de produção de normalidade que estabelece quais corpos são considerados plenamente humanos e quais passam a ser compreendidos como desviantes, inferiores ou incompletos. Tal compreensão aproxima-se dos critérios de normalidade discutidos por Amaral (1998), uma vez que ambos evidenciam como determinados parâmetros sociais são utilizados para definir quem pertence ou não ao universo da normalidade.

Já em *O grotesco e o capacitismo no século XXI*, Andrade-Silva e Bentes (2021) discutem, a partir do conceito bakhtiniano de "grotesco", a fala do então Ministro da Educação, Milton Ribeiro, sobre a separação de estudantes com deficiência dos estudantes chamados "normais", argumentando que a convivência entre eles seria impossível (Andrade-Silva; Bentes, 2021). A partir disso, os autores afirmam que,

> Para o olhar capacitista as pessoas com deficiência também são grotescas, por não corresponderem ao padrão de normalidade instituído. Desta forma, é preocupante que no século XXI estejamos sendo ameaçados pelo retorno a um passado no qual as pessoas com deficiência eram negadas ao direito de ser, de viver dignamente. (Andrade-Silva; Bentes, 2021, p. 1182).

A partir do que os autores apontam, é possível refletir um pouco a respeito de duas questões importantes: 1) O olhar capacitista: trata-se de um olhar preconceituoso, estigmatizante e segregador, pois se volta para toda e qualquer manifestação da diferença. Em relação à educação inclusiva, pauta da reflexão dos autores, esse olhar capacitista se materializa em um discurso que fere a existência e qualquer tentativa de contemplar a diversidade das pessoas com deficiência, uma vez que se pretendia excluir pessoas "anormais" do convívio das "normais".

Assim, esse olhar capacitista não só marca os corpos dos diferentes como também se impõe contra a sua existência; e 2) As pessoas com deficiência como grotescas: a partir do conceito bakhtiniano de "grotesco", os autores identificam, no discurso do ministro, uma proposta que atenta não só contra a possibilidade de uma educação inclusiva para as pessoas com deficiência, como também contra suas humanidades, constituindo, assim, uma postura grotesca, na qual encontramos o mundo às avessas (Bakhtin, 1987).

À luz das contribuições de Amaral (1998), Mello (2016), Campbell (2001 *apud* Dias, 2013) e Andrade-Silva e Bentes (2021), compreendemos o capacitismo como uma prática social e discursiva que busca diminuir, silenciar, segregar, estigmatizar ou violar a existência das pessoas com deficiência, tomando a diferença corporal, cognitiva ou sensorial como justificativa para sua inferiorização.

## 4 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Com o objetivo de propor uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), apresentamos nossos dados. Trata-se de materialidades discursivas próprias das redes sociais, em especial do *Instagram*, onde circulam postagens que tematizam e problematizam o capacitismo. A primeira postagem corresponde a uma charge de autoria de Ricardo Ferraz, compartilhada por Maurício Campos Júnior em seu perfil no *Instagram*. A segunda consiste em uma charge publicada pelo próprio Ricardo Ferraz em sua página pessoal na mesma rede social.

O perfil @mauricio_c_jr pertence a Maurício Campos Júnior, que se autodenomina "Junoca, o Cadeirante Fora da Cadeira". Maurício é uma pessoa com deficiência que, conforme relata em suas redes sociais, enfrentou problemas respiratórios ao nascer, circunstância que pode estar relacionada à paralisia cerebral que possui (Campos-Júnior, 2024). Em 17 de maio de 2025, publicou uma charge acompanhada de uma legenda na qual expressa indignação diante de atitudes capacitistas vivenciadas em seu cotidiano.

O segundo perfil pertence a Ricardo Ferraz, cartunista, educador e militante pelos direitos das pessoas com deficiência. Natural de Cachoeiro de Itapemirim (ES), teve poliomielite na infância, experiência que marcou profundamente sua trajetória pessoal e profissional. Desde a década de 1980, utiliza o cartum como instrumento de crítica social, problematizando o preconceito, a exclusão e as múltiplas formas de capacitismo presentes no cotidiano das pessoas com deficiência.

Sua produção artística constitui um espaço de denúncia e conscientização, buscando deslocar o olhar social da deficiência enquanto limitação individual para as barreiras físicas, atitudinais e discursivas produzidas pela própria sociedade. Ao longo de sua trajetória, Ferraz consolidou-se como uma das principais vozes brasileiras na defesa da inclusão, transformando o humor gráfico em ferramenta de cidadania, reflexão e luta por direitos (Ferreira, 2021).

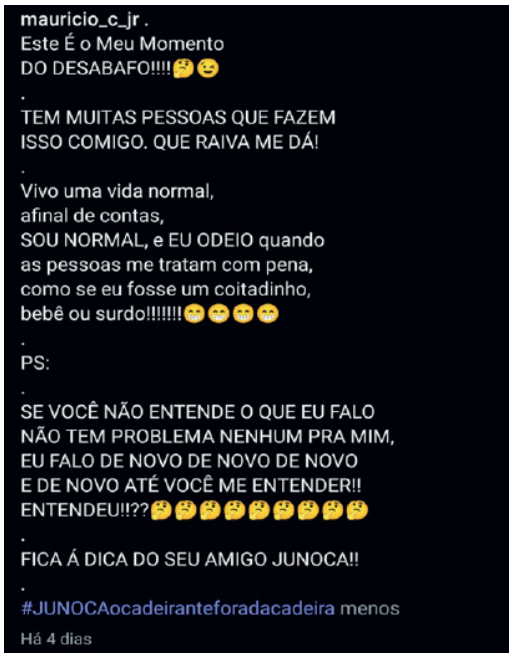
Analisaremos as charges e as legendas enquanto unidades de sentido, compreendendo-as como enunciados verbo-visuais cujos sentidos emergem da articulação entre elementos verbais, visuais e contextuais. Assim, não tomaremos imagem e legenda como fragmentos isolados, mas como partes constitutivas de um mesmo acontecimento discursivo (Brait, 2013).

**Figura 1** – *Print* da postagem de charge no *Instagram* do Junoca




Fonte: https://www.instagram.com/p/DJw2kFuOtNv/ (2025).

**Figura 2** – *Print* da legenda da charge no *Instagram* do Junoca




Fonte: https://www.instagram.com/p/DJw2kFuOtNv/ (2025).

**Figura 3** – *Print* da postagem de charge no *Instagram* do Ricardo Ferraz




Fonte: https://www.instagram.com/p/C_a-mrMOUFc/?igsh=eHQ3ZG94M2NlYWcy (2026).

Para empreendermos nossos caminhos analíticos, estabelecemos algumas categorias derivadas da própria materialidade discursiva: autoria, espaço-tempo, cor, situação emulada, expressões gesto-faciais e enunciados.

Comecemos pela categoria **autoria**. Na postagem compartilhada por Maurício Campos Júnior, identificamos duas marcações autorais. A primeira encontra-se na parte superior da interface do *Instagram*, por meio do nome do perfil (@mauricio_c_jr). A segunda está inscrita na própria materialidade da charge, onde aparece a expressão "JUNOCA, o Cadeirante Fora da Cadeira!". A grafia do nome em letras maiúsculas produz um efeito de destaque visual, diferenciando-o do restante da expressão. Além disso, a presença das cadeiras de rodas que circundam o nome funciona como um signo visual que remete à condição de pessoa com deficiência assumida pelo próprio sujeito.

Nesse caso, a deficiência não aparece como elemento ocultado ou negado, mas como componente constitutivo da identidade discursiva que o autor projeta de si mesmo. Sob a perspectiva dialógica, essa construção da autoria revela um movimento de resposta a discursos historicamente produzidos sobre a deficiência. Em vez de permitir que sua imagem seja construída exclusivamente pelo olhar do outro, o sujeito assume uma posição ativa na elaboração de sua própria representação social. Trata-se de um gesto responsivo que busca deslocar sentidos cristalizados e produzir novas formas de significar a experiência da deficiência.

A segunda categoria refere-se ao **espaço-tempo**. A publicação de Maurício foi realizada em 17 de maio de 2025, informação observável na interface da plataforma. Entretanto, mais do que um recorte cronológico específico, interessa-nos compreender o espaço-tempo social em que o enunciado circula. Trata-se do cronotopo digital das redes sociais, caracterizado pela intensa circulação de discursos,

pela interação constante entre usuários e pela coexistência de múltiplas vozes sociais. No *Instagram*, as postagens não se limitam à publicação inicial.

Elas permanecem abertas à responsividade de outros sujeitos por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos e republicações. Nesse sentido, cada postagem integra uma cadeia ininterrupta de enunciados, respondendo a discursos anteriores e antecipando possíveis respostas futuras. A própria republicação da charge de Ricardo Ferraz por Maurício Campos Júnior evidencia esse movimento dialógico, uma vez que o enunciado passa a circular em diferentes contextos, alcançando novos interlocutores e produzindo novos efeitos de sentido.

Passemos à categoria **cor**. As charges analisadas apresentam predomínio de uma composição monocromática ou de baixa saturação cromática. Essa escolha estética parece estar relacionada ao caráter crítico dos enunciados. A ausência de cores vibrantes direciona a atenção do leitor para as ações, gestos, expressões e enunciados presentes na cena. Em termos valorativos, a monocromia contribui para a construção de uma atmosfera de denúncia social, reforçando a seriedade da temática abordada. Ao reduzir a interferência de elementos cromáticos mais chamativos, os autores privilegiam a materialidade discursiva propriamente dita, permitindo que a crítica ao capacitismo ocupe posição central na produção de sentidos. Assim, a cor deixa de ser mero recurso decorativo e passa a integrar o projeto enunciativo das charges.

A quarta categoria refere-se à **situação emulada**. Como característica constitutiva do gênero charge, as cenas representadas simulam situações da vida social concreta, ainda que por meio de exageros, simplificações e recursos humorísticos. Essa representação não reproduz a realidade de forma literal, mas a refrata, evidenciando determinados aspectos considerados relevantes pelo autor. Na charge compartilhada por Maurício Campos Júnior, a situação emulada gira em torno de uma experiência recorrente vivida por muitas pessoas com deficiência: a invisibilização de sua condição de sujeito interlocutor.

A personagem sem deficiência dirige todas as perguntas ao acompanhante, ignorando completamente a presença da pessoa em cadeira de rodas. A cena revela uma prática social frequentemente naturalizada, na qual a pessoa com deficiência é tratada como incapaz de responder por si mesma. Nessa direção, a charge evidencia uma das manifestações do capacitismo: a presunção de incompetência comunicativa ou cognitiva atribuída à pessoa com deficiência. A exclusão não ocorre apenas no plano físico, mas também no plano discursivo, quando sua voz é silenciada e substituída pela fala de terceiros. Esse aspecto torna-se ainda mais significativo quando observamos a charge de Ricardo Ferraz.

Nela, um personagem pergunta: “O que vocês têm que a gente não tem?”. A resposta apresentada é “a EFICIÊNCIA”. A construção humorística opera por meio de um deslocamento semântico entre os termos “deficiência” e “eficiência”. Ao produzir essa inversão, o enunciado questiona a lógica social que define sujeitos a partir daquilo que supostamente lhes falta. A palavra “EFICIÊNCIA”, posicionada em destaque no centro da composição, assume protagonismo visual e discursivo. Sua centralidade gráfica reforça seu peso axiológico, transformando-a em signo ideológico que disputa sentidos historicamente associados à deficiência. A charge, portanto, não apenas critica o preconceito, mas propõe uma reavaliação dos valores socialmente atribuídos às pessoas com deficiência.

Passemos agora à categoria **expressões gesto-faciais**. Na primeira charge identificamos três sujeitos: a pessoa com deficiência, o acompanhante e a personagem sem deficiência. Esta última apresenta olhos arregalados, boca aberta e gestos expansivos, elementos que sugerem surpresa, curiosidade excessiva e forte envolvimento emocional. O dedo apontado para a pessoa com deficiência produz um efeito de objetificação, transformando-a em objeto de observação. Embora tais gestos possam ser interpretados como demonstrações de interesse, a charge evidencia que se trata de um interesse atravessado por pressupostos capacitistas.

A curiosidade não emerge do reconhecimento da pessoa enquanto sujeito, mas da percepção de sua diferença em relação ao padrão socialmente considerado normal. Por outro lado, a pessoa com deficiência apresenta expressão relativamente neutra, enquanto o acompanhante mantém um sorriso discreto. Essa oposição entre os personagens produz um contraste significativo: enquanto a personagem sem deficiência dramatiza a situação, os demais parecem habituados à repetição desse tipo de comportamento. Na charge de Ricardo Ferraz, observa-se movimento semelhante. O personagem que formula a pergunta aparece cercado por sinais de interrogação, indicando dúvida e desconhecimento. Já a pessoa com deficiência surge sorridente e utilizando medalhas, elementos visuais associados ao reconhecimento e à conquista.

A oposição entre ambos produz um efeito discursivo importante: a ignorância do primeiro é confrontada pela segurança do segundo. Entretanto, essa construção não está isenta de tensões. Ao associar a pessoa com deficiência à ideia de eficiência e superação, a charge dialoga também com discursos contemporâneos que valorizam o desempenho extraordinário como condição para reconhecimento social. Assim, ao mesmo tempo que combate a imagem da incapacidade, aproxima-se de narrativas que frequentemente atribuem valor às pessoas com deficiência apenas quando demonstram resultados considerados excepcionais.

Por fim, chegamos à categoria **enunciado**. Na primeira charge, a personagem sem deficiência formula as seguintes perguntas: "...E o nome dela? Ela tem quantos anos? Toma remédio? Come o quê? Será que ela consegue...". O elemento que inicialmente chama atenção é a recorrência do pronome "ela". Utilizado três vezes consecutivas, o pronome produz um efeito de distanciamento em relação à pessoa presente na cena. Além disso, todas as perguntas são dirigidas ao acompanhante. A palavra ignora o interlocutor diretamente envolvido na situação e se orienta para um terceiro sujeito, como se a pessoa com deficiência não possuísse condições de responder. Trata-se de uma forma de silenciamento discursivo que contribui para a construção de uma imagem social marcada pela dependência e pela incapacidade.

Na legenda que acompanha a postagem, Maurício Campos Júnior explicita sua posição valorativa diante da situação representada. O enunciado "Este é o meu momento do desabafo!!!!" funciona como uma orientação interpretativa para o leitor, antecipando o tom emocional que atravessará toda a postagem. Em seguida, afirma: "TEM MUITAS PESSOAS QUE FAZEM ISSO COMIGO. QUE RAIVA ME DÁ!". O uso de letras maiúsculas intensifica a expressividade do enunciado e reforça a indignação diante das experiências relatadas. Quando afirma "Vivo uma vida normal, afinal de contas, SOU NORMAL", o enunciador busca resistir às representações que o posicionam como sujeito inferior ou incapaz. Entretanto, sua resposta também evidencia uma tensão discursiva relevante.

Ao reivindicar a própria normalidade, o sujeito mobiliza uma categoria historicamente utilizada para distinguir aqueles considerados adequados daqueles vistos como diferentes. Nesse sentido, o discurso de resistência dialoga com a mesma lógica social que procura contestar. Essa tensão torna-se ainda mais evidente no trecho "como se eu fosse um coitadinho, bebê ou surdo". Embora o objetivo seja denunciar práticas capacitistas, o enunciado acaba reproduzindo uma hierarquização implícita entre diferentes experiências da deficiência. Assim, observamos que os discursos de resistência não se produzem fora das ideologias sociais, mas no interior delas, em permanente processo de negociação e confronto.

Nos enunciados finais, o autor procura orientar seus interlocutores acerca de formas mais respeitosas de interação. Ao afirmar que repetirá sua fala quantas vezes forem necessárias para ser compreendido, desloca o foco da deficiência para a construção compartilhada da comunicação. O encerramento "FICA A DICA DO SEU AMIGO JUNOCA!!" aproxima o enunciador de seus seguidores e reforça o caráter pedagógico da postagem.

Em conjunto, as duas charges e as legendas analisadas constituem respostas discursivas a um mesmo horizonte social de valores. Ambas confrontam representações capacitistas que historicamente associam a deficiência à incapacidade, à dependência e à inferioridade. Ao mesmo tempo, revelam que os sentidos de deficiência, normalidade, eficiência e inclusão permanecem em constante disputa. A verbo-visualidade presente nas postagens evidencia justamente esse embate entre diferentes vozes sociais, transformando o *Instagram* em um espaço privilegiado de circulação, negociação e contestação de sentidos acerca da deficiência na contemporaneidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verbo-visualidade das postagens no *Instagram* não apenas participa da construção de sentidos, como também constitui um espaço privilegiado de circulação, disputa e ressignificação de valores sociais. Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), este estudo buscou compreender como a articulação entre elementos verbais e visuais mobiliza posicionamentos axiológicos acerca do capacitismo, contribuindo tanto para sua reprodução quanto para seu tensionamento. Para isso, analisamos materialidades verbo-visuais publicadas no *Instagram* por Maurício Campos Júnior e Ricardo Ferraz, dois sujeitos que, a partir de suas experiências enquanto pessoas com deficiência, utilizam a plataforma como espaço de denúncia, conscientização e ativismo social.

Partimos das discussões sobre verbo-visualidade nos estudos bakhtinianos, especialmente das contribuições de Volóchinov (2018), Souza-Bentes (2017) e Brait (2013), para reafirmar que texto e imagem constituem uma unidade indissociável na produção de sentidos. Fragmentar essa relação implicaria desconsiderar a natureza do próprio enunciado verbo-visual, cuja significação emerge precisamente da articulação entre diferentes materialidades semióticas. Essa compreensão mostrou-se fundamental para a análise das charges e legendas examinadas, uma vez que os efeitos de sentido produzidos não se encontram exclusivamente na linguagem verbal ou visual, mas na interação entre ambas.

No que se refere ao capacitismo, as reflexões de Amaral (1998) sobre a diferença significativa e os critérios estatístico, estrutural-funcional e do tipo ideal forneceram importantes subsídios para compreender os processos de produção da anormalidade. As contribuições de Mello (2016) permitiram compreender o capacitismo como uma forma específica de discriminação que atribui às pessoas com deficiência uma condição generalizada de incapacidade, enquanto Campbell (2001 *apud* Dias, 2013) evidenciou seu funcionamento como uma estrutura social produtora de padrões de normalidade e humanidade.

Já Andrade-Silva e Bentes (2021) contribuíram para a compreensão das formas pelas quais determinados corpos são discursivamente posicionados como desviantes, inferiores ou incapazes. Nesse sentido, a análise corroborou a compreensão do capacitismo como uma prática discursiva e social que busca diminuir, silenciar, mortificar, coisificar, segregar, estigmatizar e violar a existência do outro em razão de sua diferença.

A investigação das materialidades selecionadas revelou que o capacitismo se manifesta não apenas por meio de agressões explícitas, mas também por meio de práticas cotidianas aparentemente naturalizadas. Na charge compartilhada por Maurício Campos Júnior, observamos a invisibilização da pessoa com deficiência enquanto sujeito interlocutor, uma vez que as perguntas são dirigidas ao acompanhante e não à própria pessoa presente na interação. Tal dinâmica evidencia formas sutis de exclusão que produzem efeitos de silenciamento e reforçam representações associadas à dependência e à incapacidade.

Por outro lado, a charge publicada por Ricardo Ferraz mostrou como o humor gráfico pode ser mobilizado para contestar sentidos historicamente cristalizados sobre a deficiência. O deslocamento semântico entre os termos “deficiência” e “eficiência” produz uma inversão valorativa que tensiona discursos capacitistas e propõe novos modos de significar a experiência da deficiência. Contudo, a análise também revelou que os discursos de resistência não estão isentos de contradições, uma vez que dialogam permanentemente com os valores e ideologias presentes na sociedade.

Esse aspecto tornou-se particularmente evidente na legenda publicada por Maurício Campos Júnior. Embora o enunciado apresente uma crítica explícita ao capacitismo, também reproduz determinadas hierarquizações entre diferentes experiências da deficiência. Tal constatação reforça uma compreensão cara à perspectiva dialógica: os discursos não se produzem fora das relações sociais e ideológicas, mas no interior delas, em permanente processo de confronto, negociação e reelaboração.

Outro resultado relevante diz respeito ao próprio *Instagram* enquanto cronotopo digital. Mais do que um simples suporte tecnológico, a plataforma integra ativamente a produção de sentidos. As possibilidades de compartilhamento, comentário, curtida e republicação ampliam a circulação dos enunciados e favorecem a emergência de novas respostas discursivas. Assim, as charges analisadas não podem ser compreendidas apenas como produtos acabados, mas como enunciados inseridos em uma cadeia contínua de interações e responsividades.

Dessa forma, esta pesquisa evidenciou que a verbo-visualidade no *Instagram* constitui um espaço fértil para a investigação dos discursos sobre deficiência e capacitismo. As materialidades analisadas demonstram que os sentidos de deficiência, normalidade, eficiência e inclusão permanecem em constante disputa, sendo atravessados por diferentes vozes sociais e posicionamentos axiológicos. Nesse contexto, as redes sociais configuram-se simultaneamente como espaços de reprodução de

preconceitos e de resistência a eles, revelando a complexidade dos processos discursivos que envolvem a construção social da diferença na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *In*: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

ANDRADE-SILVA, Cyntia. F. C.; BENTES, José. A. O. O grotesco e o capacitismo no século XXI. *In*: **Círculo - rodas de conversa bakhtiniana:** O grotesco de nossos tempos: vozes, ambientes e horizontes, 8. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2021. v. 1. p. 1181-1185.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. 2. ed. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto da obra de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Brasília: UnB, 1987.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana:** Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568. Acesso em: 21 maio 2025.

CAMPOS-JÚNIOR, Maurício. [Postagem sobre capacitismo]. **Instagram**, 2025. Disponível em: https://www.intagram.com/p/DJw2kFuOtNv/. Acesso em: 1 jun. 2026.

CAMPOS-JÚNIOR, Maurício. **Junoca, o cadeirante fora da cadeira!** Blog pessoal, 2024. Disponível em: https://mauriciocamposjunior.blogspot.com/. Acesso em: 21 maio 2025.

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. *In*: Simpósio Internacional de Estudos sobre d Deficiência, 2013, São Paulo. **Anais[...]**,

São Paulo: SEDPcD/Diversitas/USP Legal, 2013. p. 1-14. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/391108527/Adriana-Dias-Capacitismo. Acesso em: 1 jun. 2026.

FERRAZ, Ricardo. [Postagem sobre capacitismo]. **Instagram**, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_a-mrMOUFc/?igsh=eHQ3ZG94M2NlYWcy. Acesso em: 1 jun. 2026.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

RICARDO FERREIRA. Cartunista expõe falas ofensivas a deficientes físicos e perrengues diários. **Splash UOL**, Santos, 18 abr. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/18/cartunista-expoe-dificuldades-e-falas-ofensivas-a-deficientes-com-charges.htm. Acesso em: 31 maio 2026.

SOUZA-BENTES, Rita Nazareth. A dimensão verbo-visual no livro didático de LP: uma análise na perspectiva dialógica da linguagem. *In*: BENTES, José Anchieta de Oliveira; RODRIGUES, Isabel Cristina Ferreira da Silva (org.). **Linguagens e práticas docentes**: relações bakhtinianas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 267-288.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2018.

1 Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA/CCSE), na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, com foco nos Estudos Dialógicos do Discurso em práticas escolares. Especialista em Análise do Discurso Midiático pela Faculdade Iguaçu (FI). Especialista em Letras, com ênfase em Linguística, pela Faculdade Focus (FFOCUS). Graduado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/CCSE). Membro do Grupo de Estudo em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA CNPq/UEPA), E-mail: pauloevertonf.d.s@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3426-5181

2 Possui pós-doutoramento em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), doutorado em Educação Especial (UFSCAR/2010), mestrado em Letras - Linguística (UFPA/1998), especialização em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português (UFPA/1993) e graduação em Letras (UFPA/1991). Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) - Mestrado e Doutorado na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Vice-corrdenador do PPGED-CCSE-UEPA (2022-2023). Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). Campos de atuação: educação inclusiva; educação de jovens e adultos; Estudos dialógicos do discurso em práticas escolares e não escolares., E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1134-3677

Recebido em: 17 de Janeiro de 2026
Avaliado em: 22 de Junho de 2026
Aceito em: 6 de Setembro de 2026

**A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br**

Copyright (c) 2026 Revista Interfaces Científicas - Educação

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

GRUPO TIRADENTES Inspirando o futuro
EDUNIT